



São Martinho de Porres, patrono da Justiça Social

Ir. Clara Emília Vasquez Pinzón, OP

Falar da vida de Frei Martinho é falar do Evangelho, não no abstrato, mas colocado em prática, é descobrir o mandamento do amor a Deus e ao próximo, encarnado em uma forma extraordinária.

O pequeno Martinho nasceu no dia 9 de dezembro de 1579, em Lima. Filho natural de um nobre espanhol, Juan de Porres e da negra africana livre, da panamenha Ana Velásquez. Por coincidência, foi batizado na Igreja de São Sebastião, na mesma pia baptismal e pelo mesmo pároco que havia batizado Santa Rosa.

São Martinho está bem enraizado em Lima, pois os dominicanos acompanharam Francisco Pizarro para fundar a cidade às margens do Rímac, em 1535. Receberam o terreno onde foi construído o primeiro convento do Peru, hoje São Domingos. Cerca de 50 anos depois, o jovem Martinho entrou neste convento como “doado” e se tornou muito popular por sua vida de serviço alegre dentro do convento e nas ruas da nova cidade.

Na pessoa humilde de Martinho se combinaram características de três continentes: por causa de seu pai, um nobre espanhol, é europeu; por causa de sua mãe, uma africana libertada, ele é africano; por seu nascimento em Lima, ele é americano. Acima de tudo, por seu batismo e total dedicação ao Senhor, ele é um católico mundial, dedicado sem limites a melhorar a vida dos mais necessitados. A atitude e as prioridades de São Martinho nos oferecem uma base sólida para eliminar ou aliviar muito da pobreza desumana em todas as partes do planeta. Com bons motivos, o Papa João XXIII, antes de canonizá-lo, declarou que "ele é um santo não de uma nação, mas de todas as nações".

Martinho, por sua humildade, foi um exemplo encarnado daquela bem-aventurança anunciada por Cristo para todos os últimos desta terra, que aprendem a por sua confiança em Deus: “Bem-aventurados os pobres de espírito, porque deles é o Reino do céu”.

“Irmão Martinho! Irmão Martinho! Diziam as pessoas quando andavam pelas ruas. Ele defendeu os escravos que o tinham como a um pai. Sem perder a calma costumeira, ele insistia que os frades respeitassem os poucos direitos desses maltratados.

Suas obras de caridade se multiplicaram e os frades se queixavam de que Martinho queria fazer do convento um hospital, porque levava para seu quarto os enfermos que não tinham abrigo. O dom de cura também foi atribuído a ele, dos quais muitos testemunhos permanecem, sendo a mais surpreendente a cura de pacientes em estado terminal. “Eu te curo, Deus te cura” era a frase que ele sempre costumava dizer para evitar sinais de veneração por sua pessoa.

Foi-lhe atribuído o controle sobre a natureza, as plantas germinaram antes do tempo e todos os tipos de animais obedeciam aos seus comandos. Um dos episódios mais conhecidos de sua vida é que ele fazia comerem no mesmo prato um cachorro, um rato e um gato em completa harmonia.

O segredo de Martinho de Porres está em um coração dominado e guiado pelo Espírito de Jesus. Para Frei Martinho, as palavras de Jesus sobre o Juízo Final inspiraram sua dedicação incansável aos pobres, aos enfermos e a outros em sofrimento: “O Rei responderá: 'Em verdade vos digo que, quando o fizestes por um dos mais pequenos dos meus irmãos, o fizestes a mim'”(Mt 25,40). Graças à sua amizade sem limites com Jesus na cruz e na Eucaristia, Martinho tinha absorvido muito de sua compaixão pelos feridos e seu desejo de compartilhar com os famintos. Como se lê no livrinho de Harry McBride, São Martinho de Porres - Patrono da Justiça Social: “Calcula-se que o frade negro alimentava cerca de duzentos pobres diariamente e que semanalmente distribuía grande quantidade de artigos, remédios e dinheiro” (p.40).



Quando ele morreu, com 60 anos de idade, em 1639, milhares de pessoas, desde o vice-rei aos escravos, vieram expressar sua profunda estima e gratidão a Martinho.

Apesar da biografia exemplar de Martinho de Porres, transformada em devoção fundamental de índios e negros, a sociedade colonial não o levava aos altares. Seu processo de beatificação durou até 1837, quando foi beatificado pelo Papa Gregório XVI, cruzando as barreiras de uma mentalidade antiquada e preconceituosa. Por sua extraordinária caridade, em 1945, com a aprovação da Santa Sé, foi nomeado Patrono da Justiça Social.

Frei Martinho de Porres, o negro "santo da vassoura", foi canonizado em 6 de maio de 1962 pelo Papa João XXIII.

Ao recordar o santo peruano, venerado em todo o mundo, à luz das Bem-aventuranças, não podemos esquecer as palavras de Sua Santidade João XXIII, pronunciadas na cerimônia de canonização: "Martín mostra-nos com o exemplo da sua vida, que podemos alcançar a salvação e a santidade através da maneira que Jesus Cristo nos ensinou ... Que o exemplo de Martín ensine a muitos sobre doçura e felicidade encontradas em seguir Jesus Cristo e em submissão aos seus mandamentos divinos."